

UTILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS POR ACADÊMICOS DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Use of Social Media By Medical Students of a University of the State Of Santa Catarina

Matheus Henrique da Silva Saloti¹
Leonardo Kfour Medeiros²
João Guilherme Teixeira da Silva³
Eliane Mazzuco dos Santos⁴

Artigo encaminhado: 12/08/2020
Artigo aceito para publicação: 17/04/2023

RESUMO

INTRODUÇÃO: A ansiedade é caracterizada patologicamente quando exagerada e desproporcional ao estímulo que a levou, a prevalência gira em torno de 25%, principalmente em mulheres jovens. Situações de muito estresse podem acarretar em sintomas ansiosos. O estudante de medicina passa por momentos difíceis de enfrentar, levando a uma maior prevalência de sintomas ansiosos quando comparado com a população geral. As redes sociais são comuns nos dias de hoje e o número de usuários só aumenta, principalmente entre os jovens. Assim como existem os benefícios também há efeitos prejudiciais da adicção a elas. O presente estudo objetivou estimar a prevalência de sintomas ansiosos em acadêmicos de medicina usuários de redes sociais matriculados em uma universidade do estado de Santa Catarina.

Métodos: Estudo epidemiológico transversal, baseado na aplicação de questionário, aplicado em 284 acadêmicos de medicina matriculados na Universidade do Sul de Santa Catarina do primeiro ao oitavo semestre.

Resultados: Foi encontrada uma prevalência de 99,30% em relação ao uso de redes sociais, 46,10% na presença de sintomas quando impossibilitado, 42,91% ao utilizar rede social, 22,70% não conseguem viver sem rede social, 13,12% com problemas de percepção da realidade na rede social.

¹ Médico graduado pela Universidade do Sul de Santa Catarina E-mail: matheus.saloti@hotmail.com

² Médico graduado pela Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: leokfour@hotmail.com

³ Médico graduado pela Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: zon_gui@hotmail.com

⁴ Graduada em Enfermagem e Obstetrícia e Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Docente dos cursos de medicina e enfermagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, campus Tubarão/SC. E-mail: mazzuco_9@hotmail.com

Conclusões: A prevalência de sintomas ansiosos está intimamente relacionada com o uso abusivo das redes sociais, sendo a quantidade de horas gastas no dia, quantidade de vezes acessadas, dependência a rede, prejuízo à vida diária e percepção da realidade na rede os fatores que mais demonstraram relação com o aumento dos sintomas.

Palavras-chave: Ansiedade; Adolescente; Rede Social.

ABSTRACT

Introduction: Anxiety is pathologically characterized when exaggerated and disproportionate to the stimulus that led to it, the prevalence is around 25%, mainly in young women. Very stressful situations can lead to anxious symptoms. The medical student faces difficult times at college, leading to a higher prevalence of anxiety symptoms when compared to the general population. Social networks are common these days and the number of users only increases, especially among young people. Just as there are benefits, there are also detrimental effects of adding to them. The present study aimed to estimate the prevalence of anxiety symptoms in medical students using social networks enrolled in a university in the state of Santa Catarina.

Methods: Cross-sectional epidemiological study, based on the questionnaire application technique, applied to 284 medical students enrolled at the University of Southern Santa Catarina from the first to the eighth semester.

Results: It was found a prevalence of 99.30% in relation to the use of social network, 46.10% in the presence of symptoms when unable to access, 42.91% when using social network, 22.70% cannot live without social network, 13, 12% had problems with perceiving reality on the social network.

Conclusions: The prevalence of anxious symptoms is closely related to the abusive use of social networks, with the number of hours spent in the day, the number of times accessed, dependence on the network, impairment of daily life and perception of reality on the network. These are the factors that most showed a correspondence with increasing symptoms of anxiety.

Keywords: Anxiety; Adolescent; Social Networking

1. INTRODUÇÃO

Todo mundo já experimentou ansiedade alguma vez em sua vida, ela é uma emoção normal na sociedade. A ansiedade é descrita como um sinal de alerta a uma ameaça desconhecida, interna ou conflituosa, indica um perigo iminente e ajuda a pessoa a tomar medidas frente a esse perigo; há também o sentimento de apreensão, inquietação e desconforto diante dessa ameaça. Ansiedade se diferencia do medo, que é uma resposta a algo conhecido, externo e não conflituoso, o medo é uma sensação súbita, enquanto a ansiedade insidiosa (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 2017; AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION, 2013; SERRA; DINATO; CASEIRO, 2015; ALVES, 2014).

A ansiedade é caracterizada como patológica quando é exagerada e desproporcional ao estímulo que levou a ela, além de afetar significativamente a qualidade de vida da pessoa. A sensação é caracterizada de duas formas: a forma de percepção de alterações fisiológicas (como palpitações e suor) e do estar nervoso ou assustado. A ansiedade ainda conta com sintomas como: afetar o pensamento, a percepção e o aprendizado, através da diminuição da concentração e redução da memória ela interfere no aprendizado. Um aspecto importante das emoções é seu efeito sobre a atenção seletiva (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 2017; AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION, 2013; SERRA; DINATO; CASEIRO, 2015).

Os transtornos de ansiedade fazem parte do complexo de doenças mais prevalentes na psiquiatria, os primeiros sintomas geralmente aparecem no final da adolescência e início da vida adulta (SERRA; DINATO; CASEIRO, 2015). Um estudo americano de comorbidade demonstrou que uma a cada quatro pessoas preenche os critérios diagnósticos de pelo menos um transtorno de ansiedade e que a prevalência em 12 meses é de 17,7% (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 2017). As mulheres apresentam maior prevalência de transtornos

ansiosos, cerca de 2 para 1 em relação aos homens, mulheres com 30,5% e homens apresentaram 19,2% (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 2017).

Os sintomas ansiosos se diferem dos transtornos ansiosos pois eles não são sintomas primários decorrentes de uma condição clínica (como depressão, psicose, transtorno bipolar etc), ela é uma ansiedade explicada pelos sintomas do transtorno primário e não constitui um conjunto de sintomas que determina um transtorno ansioso típico (CASTILLO et al, 2000).

Situações de muito estresse podem acarretar em sintomas ansiosos. O estudante de medicina desde o momento de escolha do curso passa por momentos que são difíceis de enfrentar, como por exemplo ser aprovado no vestibular, que necessita de anos de estudo, preparo, dedicação e auto cobrança, exigindo o máximo de si mesmo; dentro da universidade não é diferente, após ser aprovado no vestibular a quantidade de exigências e cobranças sobre o aluno só aumenta (SERRA; DINATO; CASEIRO, 2015; ALVES, 2014; PORCU; FRITZEN; HELBER, 2001).

Estudos indicam que dentro do curso de medicina o aluno passa por muitas angústias, o que os tornam mais suscetíveis e vulneráveis a doenças psiquiátricas, levando a uma maior prevalência de sintomas ansiosos e depressivos quando comparado com a população em geral, uma prevalência de sintomas ansiosos entre 21,9% e 28,7%. Após ingressar na faculdade de medicina o aluno adquire diversas responsabilidades e isso leva a uma mudança significativa na vida pessoal e social (SERRA; DINATO; CASEIRO, 2015; FIEDLER, 2008; VASCONCELOS et al, 2015).

Parece haver uma percepção, em termos de senso comum, de que esses estudantes são susceptíveis a maior estresse que os alunos dos demais cursos, algum desses fatores estressantes são: auto cobrança para atingir um bom desempenho, quantidade de matérias e atividades extracurriculares, contato com pacientes doentes com prognóstico ruim, inúmeras noites sem dormir, tanto no começo do curso, como no internato. Muitos estudos demonstram que alunos que estão mais avançados no curso, como no internato, apresentam mais sintomas ansiosos que alunos ainda no início da

faculdade (SERRA; DINATO; CASEIRO, 2015; FIEDLER, 2008; VASCONCELOS et al, 2015; FIEDLER, 2008).

Essa elevada quantidade de responsabilidades e eventos estressantes, muitas vezes, levam o acadêmico a não ter tempo para si, não ter tempo para se exercitar, relaxar, cuidar da saúde e relacionar-se com famílias e amigos. Essa falta de tempo juntamente com estigma associado à utilização de serviços de saúde mental, custos e medo das consequências em nível curricular levam os futuros médicos a dificilmente procurar ajuda psiquiátrica em casos de necessidade, os estudos demonstram que apenas 8% a 15% dos alunos procuram ajuda psiquiátrica durante a formação acadêmica (FIEDLER, 2008; VASCONCELOS et al, 2015).

A internet já é algo muito necessária e comum nos dias de hoje. As possibilidades do seu uso só fazem aumentar os números de usuários, principalmente entre adolescente e adultos jovens. Um desses usos são as redes sociais, plataformas nas quais os indivíduos se conectam com outros usuários para criar e manter relações sociais, que podem ter efeito protetor no quesito doença mental, pois possibilitam a interação social com amigos, familiares, colegas e nos permitem expressar emoções (MOROMIZATO et al, 2017; SEABROOK; KERN; RICKARD, 2016).

Porém assim como existem os benefícios também há efeitos prejudiciais do uso de forma desadaptativa e a adicção por internet (AI), que leva a danos clinicamente significativos ou sofrimento emocional, como o sentimento de isolamento e a possibilidade de interações sociais negativas (cyberbullying), o que pode afetar negativamente o humor e a saúde mental. A adicção por internet é descrita como uma preocupação intensa com o uso da internet, uso compulsivo, gasto de tempo excessivo na web e irritabilidade ao ser interrompido quando está conectado (MOROMIZATO et al, 2017; SEABROOK; KERN; RICKARD, 2016).

Os efeitos da má utilização da internet e redes sociais são diversos, como, alterações na qualidade do sono, menor desempenho acadêmico e prejuízo nos relacionamentos interpessoais, também há estudos que relacionam a adicção pela internet com transtornos de humor, transtorno de

uso de substâncias, ansiedade, ansiedade social, solidão, baixa autoestima, maiores taxas de transtornos de personalidade e suicídio (MOROMIZATO et al, 2017; SEABROOK; KERN; RICKARD, 2016).

O presente estudo propôs analisar o perfil dos alunos do curso de medicina que fazem uso de redes sociais, através de uma análise do padrão de uso da mesma pelos acadêmicos, com objetivo de entender melhor a relação do uso da forma desadaptativa da internet com os sintomas de ansiedade.

2. OBJETIVOS

Analisar a prevalência de sintomas ansiosos em acadêmicos de Medicina usuários de rede social matriculados entre o primeiro e o oitavo semestre na Universidade do Sul de Santa Catarina.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa é um estudo epidemiológico com delineamento transversal, realizado pela técnica de aplicação de questionário. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário autoaplicável, contendo 33 questões sociodemográficas e de uso de redes sociais, sendo três sobre sintomas ansiosos.

Foram aplicados os questionários a 284 acadêmicos de medicina matriculados na Universidade do Sul de Santa Catarina do primeiro ao oitavo semestre, e a coleta foi realizada nos meses de maio e junho de 2019.

Foram incluídos na pesquisa acadêmicos regularmente matriculados no curso de medicina na universidade do sul de Santa Catarina entre o primeiro e o oitavo semestre, que aceitaram participar da pesquisa, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critério de exclusão, foram utilizados: indivíduos que desistiram de participar da pesquisa posteriormente, assim como acadêmicos com idade inferior a 18 anos.

O presente estudo foi aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), sendo respeitados os preceitos da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e suas

atividades só iniciaram a partir do momento da devida aprovação do mesmo. Encontra-se aprovado sob o código parecer nº 3.229.680, de março de 2019.

Para a análise dos dados foram utilizadas porcentagens para variáveis qualitativas. A existência de associação entre a presença do desfecho de interesse (Existência de sintomas ansiosos quando esteve impossibilitado de usar e quando utilizou as redes sociais) segundo as exposições (variáveis sociodemográficas, uso das redes sociais e sintomas de ansiedade) foi avaliada por meio do teste de qui-quadrado ($p < 0,05$). O banco de dados foi elaborado no Excel e as análises foram realizadas por meio do software Stata 16.0 (STATA CORP, 2019)

Por fim, declaramos que não houve fonte de financiamento, bem como a inexistência de conflitos de interesse.

4. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Como limitações deste estudo, tivemos a ausência de parcela dos alunos em sala de aula no momento da coleta de dados e aplicação do questionário, fato que reduziu o potencial máximo de cobertura da pesquisa.

5 RESULTADOS

No presente estudo, foram aplicados 284 questionários em acadêmicos de medicina matriculados na Universidade do Sul de Santa Catarina entre o primeiro e o oitavo semestre.

O perfil sociodemográfico dos indivíduos questionados, está descrito na Tabela 1. Destaca-se que a maioria dos acadêmicos são do sexo feminino (65,49%) e a faixa etária predominante é a de adultos (83,10%). Quanto ao estado civil, observou-se, que 68,31% não possuem parceiro fixo e a grande maioria tem alguma convicção religiosa (77,82%). Em relação ao ciclo letivo, 46,83%, encontram-se no ciclo básico, enquanto 53,17% estão no ciclo clínico. Observou-se que 61,97% reside com outras pessoas sem ser os familiares.

Na tabela 2, encontramos os dados conforme o uso das redes sociais. Verificou-se que 99,30%, utilizam alguma rede social e 98,94% utilizam todos os dias. Quanto ao número de horas utilizadas no dia, 40,43% relataram que utilizam menos de 2 horas, 48,58% de 2 a 5 horas e apenas 10,99% utilizam

por mais de 5 horas. Verificou-se também, que 82,27% dos acadêmicos entram nas redes sociais 6 ou mais vezes ao dia. Quanto ao tempo que possuem conta em rede social, vê-se que 55,67% possuem há 8 anos ou mais. Sendo que 43,97% de 2 a 7 anos e apenas um dos acadêmicos (0,35%) há menos de um ano.

Constata-se que o celular foi o dispositivo mais utilizado para acessar as redes sociais 79,79%. Um número expressivo de acadêmicos, utilizam chat 94,33% e os que conversam com 4 ou mais pessoas nesses chats são 85,71%. Observa-se também, que 36,52% dos participantes, verificam mensagens ao acordar durante a noite. Um percentual de 80,50%, responderam que a última coisa que fazem antes de dormir, é verificar o celular e que 74,82% verificam o celular como primeira coisa que fazem ao acordar. Os que perdem a noção do tempo utilizando as redes sociais são 63,48%, sendo que 77,66% ficam mais tempo nelas do que o planejado inicialmente e 43,97% dos acadêmicos ficam tensos ao perceberem que receberam alguma mensagem.

Na questão 8 do questionário os alunos deveriam indicar qual rede social mais utilizada, podendo marcar mais de uma das alternativas, gerando 395 menções, que são descritas no Gráfico 1.

O Gráfico 1, apresenta o percentual das respostas obtidas, apresenta que as redes sociais mais utilizadas são o WhatsApp com 43,03% e Instagram com 42,53%, seguidas por Facebook 8,10%, Twitter 5,06% e por fim Pinterest 1,28%.

A presença de sintomas ansiosos está descrita na tabela 3. Podemos verificar que 46,10% dos acadêmicos, tiveram um ou mais sintomas quando impossibilitados de utilizar as redes sociais e que esse valor diminuiu para 42,91% enquanto a utilizavam. A maioria dos acadêmicos, 84,04%, respondeu que o uso de rede social tem algum tipo de interferência negativa em sua vida (seja na família, lazer, estudos, atividades físicas, alimentação, relacionamentos amorosos, amizade ou insônia). Por outro lado, 96,81% responderam que o uso de rede social influencia em sua vida. Quando questionados se conseguiriam viver sem redes sociais, (20,57%) dos acadêmicos responderam que conseguiriam sem problemas, (22,70%) não conseguiriam e a maioria (56,74%) responderam não saber. Já para o fato de

se sentirem prejudicados pelo uso das redes sociais, 85,46% dos acadêmicos responderam que sim. Sendo que 30,14% sendo poucas vezes e 55,32% muitas vezes. Apenas 19,86% responderam ter tido alguma experiência ruim e 13,12% afirmaram que acreditam que as outras pessoas que postam apenas boas notícias são mais bem-sucedidas que elas próprias.

Considerando os 130 alunos que tiveram um ou mais sintomas quando impossibilitados de utilizar as redes sociais, obteve-se um total de 213 respostas com sintomas, que estão apresentadas no Gráfico 2. Os sintomas mais recorrentes foram a “irritabilidade” (33,33%), seguido por “nervosismo” (31,92%) e, por fim, a “incapacidade de relaxar” (27,69%). Em menor quantidade foram constatados “palpitação” (3,3%). Os sintomas de “tremores”, “sensação de sufocamento” e “sensação de calor” apareceram em 0,94% das respostas. Por último, temos a “dificuldade de respirar” e “aterrorizado”, cada sintoma com prevalência de 0,47%.

Em relação a presença de sintomas quando utilizando as redes sociais os 121 participantes tiveram um ou mais sintomas, obtendo-se um total de 283 respostas, que estão descritas no Gráfico 3. 31,10% dos participantes referiram “irritabilidade”, 27,56% relataram se sentir “nervoso(a)”, 13,07% “incapacidade de relaxar” e o sintoma “palpitação” apareceu em 12,37% dos acadêmicos. Em relação a “sensação de calor” foi constatada a prevalência de 5,3%, os sintomas “aterrorizado” e “tremores” respectivamente com 3,89% e 3,53%. Em menor prevalência temos os sintomas “sensação de sufocamento” (2,12%) e “dificuldade de respirar” (1,06%).

Verificou-se maior frequência de sintomas ansiosos na impossibilidade de usar as redes sociais: entre as pessoas que passam duas ou mais horas usando as redes ao dia ($p=0,001$); entre as que acessam as redes 6 ou mais vezes ao dia ($p=0,001$); entre as que tem conta nas redes há oito anos ou mais ($p=0,038$); entre as que utilizam o “chat” das redes ($p=0,024$); entre as que verificam as mensagens ao acordar durante a noite ($p=0,001$); entre as que verificam o celular antes de dormir ($p=0,005$); entre as que perdem a noção do tempo ao usar as redes ($p=0,002$); entre as que permanecem mais tempo nas redes do que o inicialmente planejado ($p=0,002$); entre as que ficam tensas ao receber notificações de mensagens e não visualizam ou não respondem

($p=0,004$); entre as que referem que as redes causam interferência negativa em sua vida ($p=0,012$); entre as que referem que as redes influenciam em sua vida ($p=0,032$); entre os que referiram não conseguir viver sem as redes sociais ($p<0,0001$); entre os que referiram já ter sido prejudicados pelas redes ($p<0,0001$); entre os que referiram já ter tido experiências desagradáveis com as redes ($p=0,002$); e entre os que acreditam que as pessoas que postam boas notícias pessoas nas redes são mais bem sucedidos que eles próprios ($p=0,002$).

Verificou-se ainda maior frequência de sintomas ansiosos ao usar as redes sociais: entre os usuários do sexo feminino ($p=0,029$); entre as pessoas que passam duas ou mais horas usando as redes ao dia ($p=0,027$);); entre as que perdem a noção do tempo ao usar as redes ($p<0,0001$); entre as que permanecem mais tempo nas redes do que o inicialmente planejado ($p=0,004$); entre as que ficam tensas ao receber notificações de mensagens e não visualizam ou não respondem ($p=0,002$); entre as que referem que as redes causam interferência negativa em sua vida ($p=0,006$); entre os que referiram não conseguir viver sem as redes sociais ($p=0,007$); entre os que referiram já ter sido prejudicados pelas redes ($p<0,0001$); entre os que referiram já ter tido experiências desagradáveis com as redes ($p=0,036$); e entre os que acreditam que as pessoas que postam boas notícias pessoas nas redes são mais bem sucedidos que eles próprios ($p<0,0001$).

6. DISCUSSÃO

Na presente pesquisa foi possível observar que no perfil dos acadêmicos encontrados predominou o gênero feminino, de faixa etária adulta (idade entre 20 e 59 anos), sem parceiro fixo e que possuem alguma crença religiosa. A prevalência do sexo feminino de 65,49% corrobora com a maioria dos estudos, onde a taxa de mulheres no curso de medicina varia entre 55,80% a 63,31% (MOROMIZATO et al, 2017; TABALIPA et al, 2015; LEÃO et al, 2018), tal resultado mostra que a classe médica está sendo composta majoritariamente pelo sexo feminino. Em relação a parceiros, 68,31% dos acadêmicos referiram não ter parceiro fixo, sejam solteiros, divorciados ou viúvos, esta estatística também está de acordo com o que a literatura apresenta, apesar desses

estudos mostrarem um número mais elevado de estudantes sem parceiro fixo, entre 91,6% e 98%.

Em relação a com quem vive atualmente, 61,97% dos acadêmicos relataram morar sozinhos ou com outras pessoas sem ser os familiares, já no estudo de Leão et al, realizado em uma universidade do Nordeste, 80,1% dos estudantes de medicina vivem com os pais ou cônjuge. Isso pode se dar ao fato de que a maioria dos acadêmicos nesse estudo de que naturais de outras cidades ou estados.

O uso de redes sociais está a cada dia mais presente no cotidiano, e observa-se isso no estudo em questão, em que 99,30% dos acadêmicos referiram utilizar alguma rede social, sendo o WhatsApp e Instagram os mais frequentes, 43,03% e 42,53% respectivamente, além do fato que 98,94% dos acadêmicos afirmaram usar rede social diariamente. Esses dados vão ao encontro do estudo realizado no estado de Sergipe, no qual indica que 98,80% dos pesquisados utilizam rede social diariamente (MOROMIZATO et al, 2017). Neste mesmo estudo 33% dos participantes referiram ficar nas redes sociais durante mais de 5 horas por dia, uma prevalência superior ao encontrado neste estudo, que foi de 10,99%, enquanto um estudo realizado em Myanmar, na Ásia, apresentou um valor aproximado, no qual 5,80% utilizam a rede social durante 4 horas ou mais (WIN et al, 2017).

Quando questionados sobre o tempo de conta em redes sociais, destacou acima de 8 anos (55,67%), uma prevalência bem contrastante do encontrado no estudo realizado na Universidade Kyaukse, Myanmar (Ásia) em que apenas 7,80% dos participantes tem usado redes sociais por mais de 3 anos (WIN et al, 2017). Em relação ao aparelho utilizado para acessar a rede social, 79,79% afirmaram usá-las por meio do celular, esse dado corrobora com um estudo realizado em Belo Horizonte, onde observa-se que o mesmo aparelho foi usado por 86,90% dos participantes (BESSI et al, 2018).

O uso do celular como a última coisa que faz antes de dormir foi afirmado por 80,50% dos acadêmicos, uma prevalência que corrobora com o que foi achado em um estudo realizado com estudantes de medicina na cidade de Aracaju, no estado de Sergipe, onde 72% dos pesquisados referiu a mesma coisa. Outros dados que vão ao encontro entre esse estudo e o citado acima

são as prevalências encontradas a respeito do fato de ficar tenso da chegada de mensagens (43,97%) dos acadêmicos responderam que sim, contra 42,20% no outro estudo. Um dado contrastante entre as pesquisas é que nesse estudo 74,82% dos acadêmicos veem o celular como a primeira coisa que fazem no dia, em comparação a 53,30% na outra pesquisa (MOROMIZATO et al, 2017).

No presente estudo verifica-se a presença de sintomas ansiosos em decorrência das redes sociais, seja na sua ausência ou quando está sendo utilizada, 46,10% e 42,91% respectivamente, esses dados corroboram com um estudo realizado em uma universidade de Santa Catarina com estudantes de medicina, na qual a prevalência de ansiedade foi de 35,50% (TABALIPA et al, 2015), assim como o estudo realizado na Universidade Federal do Piauí, onde 62,90% dos acadêmicos apresentaram algum nível de sintomas ansiosos (FERNANDES, 2018).

Quando se discute sobre quais sintomas ansiosos foram mais relatados observa-se que, tanto quando o acadêmico está impossibilitado de usar rede social quanto quando a está utilizando, os sintomas que mais foram relatados são: “irritabilidade” com 33,33% e 31,10%, seguido por “nervoso” com 31,92% e 27,56% e a “incapacidade de relaxar” com prevalência de 27,69% e 13,07%. Quando comparados com o estudo realizado na Universidade Federal do Piauí percebe-se que o sintoma mais frequente foi “nervoso”, com 39,2% (16) e quando comparado com o estudo feito com acadêmicos de medicina em uma universidade de Sergipe constata-se que os sintomas mais frequentes quando impossibilitado de usar rede social são “ansiedade” com 45,8% e “irritabilidade” com uma prevalência de 19,10% (MOROMIZATO et al, 2017), o qual corrobora com o estudo em questão, no qual apresenta a “irritabilidade” como o sintoma mais frequente, seguido de “nervoso”.

Quando aplicado o teste qui-quadrado, tanto quando os acadêmicos estão impossibilitados de utilizar rede social quanto quando estão usando as mesmas, os resultados apontam para maior prevalência de sintomas nos estudantes com uso inadequado de rede social, principalmente se tratando da quantidade de horas diárias, quantidade de vezes que acessa, se visualiza mensagens quando acorda a noite, se não conseguiria viver sem rede social, se já se sentiram prejudicados ao usar rede social, se perde a noção do tempo

ao utilizar rede social e se acredita que as outras pessoas são melhores que elas, além do teste ter nos mostrado que mulheres têm mais chances de apresentar algum sintoma ansioso ao utilizar rede social.

Esses dados vão de encontro com o que outros estudos mostram, por exemplo, o estudo de Fabio Oliveira e colaboradores indica que mulheres apresentam mais sintomas ansiosos que os homens ($p=0,011$) (TABALIPA et al, 2015), juntamente com o Kaplan, American Psychiatry Association, que apresenta uma prevalência de ansiedade de 2 para 1 em mulheres (1) e outro estudo realizado em uma universidade do nordeste com estudantes da área da saúde, revela que mulheres apresentaram mais sintomas ansiosos ($p<0,001$) (LEÃO et al, 2018). Um estudo realizado em uma universidade de Myanmar, na Ásia, apresenta uma prevalência maior de sintomas ansiosos em estudantes que utilizam rede social por mais de 4 horas diárias ($p=0,001$) (WIN et al, 2017).

O estudo realizado por Maíra Sandes Moromizato e colaboradores corrobora com o esse estudo no que diz respeito da prevalência aumentada em acadêmicos que visualizam mensagem ao acordar durante a noite ($p=0,002$), que ficam tensos quando recebem mensagens e não as respondem ($p=0,002$), e entre aqueles que costumam perder o sono ou dormir menos por conta do uso excessivo da internet ($p = 0,008$), ressalta-se que nesse estudo houve associação entre tempo de uso diário e prevalência de sintomas ansiosos ($p=0,001$) em contrapartida o estudo realizado na universidade de Sergipe não apresentou o mesmo fato ($p=0,167$) (MOROMIZATO, 2017).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais fazem parte da rotina das pessoas, sendo utilizadas das mais diversas maneiras possíveis, porém quando o uso saudável se transforma em maneira desadaptativa e dependente vem junto a isso problemas relacionados à saúde mental. Com os resultados desse estudo, conclui-se que o uso abusivo das redes sociais está intimamente relacionado com o aumento da prevalência dos sintomas ansiosos e com diversos tipos de prejuízos sociais a pessoa que a utiliza.

O presente estudo, indica que a quantidade de horas gastas no dia, quantidade de vezes acessadas, dependência a rede, prejuízo à vida diária e percepção dos conteúdos postados por outras pessoas foram os fatores que mais demonstraram relação com o aumento da sintomatologia ansiosa nos acadêmicos de medicina, juntamente com maior prevalência em estudantes do sexo feminino. A adicção às redes sociais e seus prejuízos devem ser considerados um grave problema, visto que a presença de algum sintoma aumenta consideravelmente com tal uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, T. C. de T. F. Depressão e ansiedade entre estudantes da área de saúde. **Revista DC**. 2014; 93(3):101-5. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/103400/101872>. Acesso em 15 set 2019.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders: DSM-5. 5th. ed. Washington: **American Psychiatric Association; 2013**.

BESSI, V. G; RINKER, C. M. da R.; SCHREIBER, D.; BOHNENBERGER, M. C. Percepções sobre a utilização de redes sociais pessoais no ambiente de trabalho. Contextus: **Rev Contemp Econom Gestão**. 2018; 16(1):4-11. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/contextus/article/view/32367>

CASTILLO, A. R. G. L.; RECONDO, R. ASBAHR, F. R.; MANFRO, G. G. Transtornos de ansiedade. **Rev. Bras. Psiquiatr**. 2000; 22(Supl 2):20-3. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3791.pdf> Acesso em 15 set 2019

FERNANDES, M. A.; VIEIRA, F. E. R.; SILVA, J. S.; AVELINO, F. V. S. D.; SANTOS, J. D. M. Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em

universitários de uma instituição pública. **Rev. Bras. Enferm.** 2018;71(Suppl 5):2169-75. Disponível em:

http://www.scielo.br/pdf/reben/v71s5/pt_0034-7167-reben-71-s5-2169.pdfm

FIEDLER, P. T.. **Avaliação da qualidade de vida do estudante de medicina e da influência exercida pela formação acadêmica [tese]** - Faculdade de Medicina, São Paulo, 2008.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. **Compêndio de Psiquiatria: ciência, comportamento e psiquiatria clínica.** 11. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2017.

LEÃO, A. M.; GOMES, I. P.; FERREIRA, M. J. M.; CAVALCANTI, L. P. de G. Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil. **Rev Bras Educ Méd.** 2018;42(4):55-65. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v42n4/1981-5271-rbem-42-4-0055.pdf>. Acesso em 18 set 2019

MOROMIZATO, M. S.; FERREIRA, D. B. B.; SOUZA, L. S. M. de; LEITE, R. F.; MACEDO, F. N.; PIMENTEL, D. O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Rev Bras Educ Méd.** 2017;41(4):497-504. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n4/0100-5502-rbem-41-04-0497.pdf> Acesso em 20 set 2019.

PORCU, M.; FRITZEN, C. V.; HELBER, C. Sintomas depressivos nos estudantes de medicina da Universidade Estadual de Maringá. **Psiquiat Pratic Med.** 2001; 34(1). Disponível em: http://w.unifesp.br/dpsiq/polbr/ppm/original5_01.htm. Acesso em 15 set 2019.

SEABROOK E. M.; KERN, M. L.; RICKARD, N. S. Social Networking Sites, Depression, and Anxiety: A Systematic Review. **JMIR Ment Health.**

2016;3(4):e50. Disponível em: <https://mental.jmir.org/2016/4/e50/>. Acesso em 18 set 2019.

SERRA, R. D.; DINATO, S. L. M. e; CASEIRO, M. M. Prevalence of depressive and anxiety symptoms in medical students in the city of Santos. **J. bras. psiquiatr.** 2015;64(3):213-20. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v64n3/0047-2085-jbpsiq-64-3-0213.pdfm> Acesso em 15 set 2019.

STATA CORP. Stata: Release 16. **Statistical Software**. College Station, TX: StataCorp LLC; 2019.

TABALIPA, F. de O.; SOUZA, M F. de; PFUTZENREUTER, G.; LIMA, V. C.; TRAEBERT, E.; TRAEBERT, J.. Prevalence of Anxiety and Depression among Medical Students. **Rev Bras Educ Méd** 2015; 39(3):388-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v39n3/1981-5271-rbem-39-3-0388.pdf> Acesso em 20 set 2019.

VASCONCELOS T. C. de; DIAS, B. R. T.; ANDRADE, L. R.; MELO, G. F.; BARBOSA, L.; SOUZA, E. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Rev. Bras. Educ. Méd.** 2015;39(1):135-42. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v39n1/1981-5271-rbem-39-1-0135.pdf> Acesso em 20 set 2019.

WIN, K. S.; MAUNG, T. M.; WIN, T. T.; SOE, K.; SEIN, T. T. Social network addiction (SNA) related to anxiety among students at Kyaukse University, Mandalay Region, Myanmar. **SEAJPH.** 2017;7(1):23-8. Disponível em: <https://www.banglajol.info/index.php/SEAJPH/article/view/34675>. Acesso em 20 set 2019.

TABELAS

Tabela 1 – Descrição do número e porcentagem de acadêmicos matriculados no curso de medicina no ano de 2019, segundo as variáveis sociodemográficas. Tubarão, 2019.

VARIÁVEIS	NÚMERO	%
Sexo		
Masculino	98	34,51
Feminino	186	65,49
Faixa etária		
Adolescente	48	16,90
Adultos	236	83,10
Estado Civil		
Com parceiro fixo	90	31,69
Sem parceiro fixo	194	68,31
Religião		
Possui	221	77,82
Não possui	63	22,18
Semestre letivo		
Ciclo básico	133	46,83
Ciclo clínico	151	53,17
Com quem vive atualmente		
Familiares	108	38,03
Outros	176	61,97

Fonte: Do autor, 2019.

Tabela 2 – Descrição do número e porcentagem de acadêmicos matriculados no curso de medicina no ano de 2019, segundo o uso das redes sociais. Tubarão, 2019.

VARIÁVEIS	NÚMERO	%
Uso de rede social		
Sim	282	99,30
Não	2	0,70
Dias da semana		
Todos os dias	279	98,94
3 ou 4 dias	2	0,71
1 ou 2 dias	1	0,35
Horas no dia		
Até 2 horas	114	40,43
2 a 5 horas	137	48,58
5 horas ou mais	31	10,99
Quantas vezes		
2 a 5 vezes dia	50	17,73
6 ou mais vezes	232	82,27
Há quantos anos		
Menos de 1 anos	1	0,35
2 a 7 anos	124	43,97
8 ou mais anos	157	55,67
Onde acessa		
Celular	225	79,79
Outros	57	20,21
Usa chat		
Sim	266	94,33
Não	16	5,67
Quantas pessoas		
1 pessoa	7	2,63
2 a 3 pessoas	31	11,65
4 ou mais pessoas	228	85,71

Acorda a noite		
Sim	103	36,52
Não	179	63,47
Antes de dormir		
Sim	227	80,50
Não	55	19,50
Primeira ao acordar		
Sim	211	74,82
Não	71	25,18
Perde noção de tempo		
Sim	179	63,48
Não	103	36,52
Fica mais tempo		
Sim	219	77,66
Não	63	22,34
Ao chegar mensagem		
Fica tranquilo	158	56,03
Fica tenso	124	43,97

Fonte: Do autor, 2019.

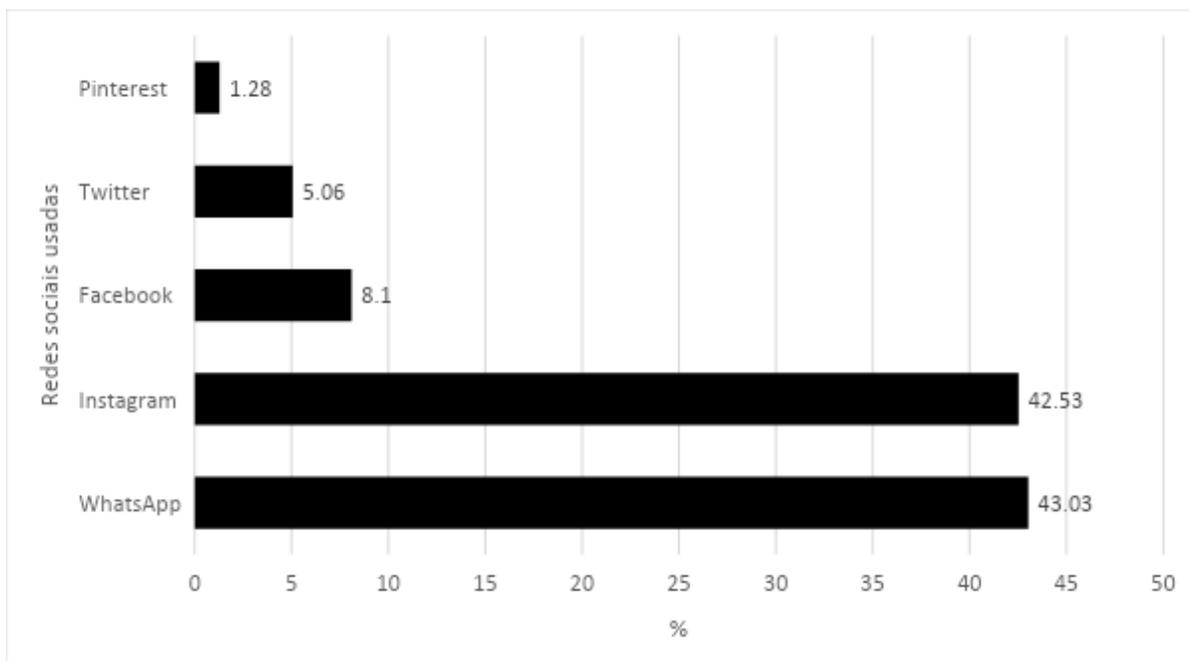
Tabela 3 – Descrição do número e porcentagem de acadêmicos matriculados no curso de medicina no ano de 2019, segundo a presença de sintomas ansiosos. Tubarão, 2019.

VARIÁVEIS	NÚMERO	%
Impossibilitado		
Sim	130	46,10
Não	152	53,90
Utilizou		
Sim	121	42,91
Não	161	57,09
Interferência		
Sim	237	84,04
Não	45	15,96
Influencia		
Sim	273	96,81
Não	9	3,19
Viver sem		
Sim, sem problema	58	20,57
Não conseguiria	64	22,70
Não sei	160	56,74
Prejudicado		
Sim, muitas vezes	85	30,14
Sim, poucas vezes	156	55,32
Nunca prejudicou	41	14,54
Experiencia ruim		
Sim	56	19,86
Não	226	80,14
Realidade		
Sim	37	13,12

Fonte: Do autor, 2019.

GRÁFICOS

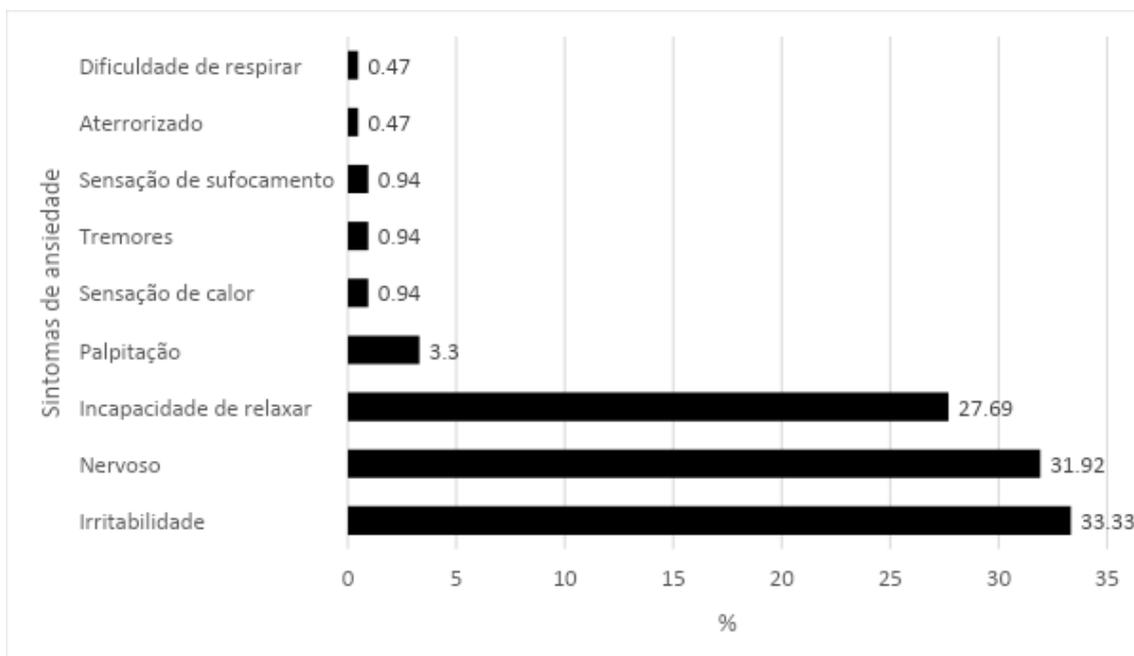
Gráfico 1 – Redes sociais mencionadas como utilizadas pelos avaliados.



Tubarão, 2019.

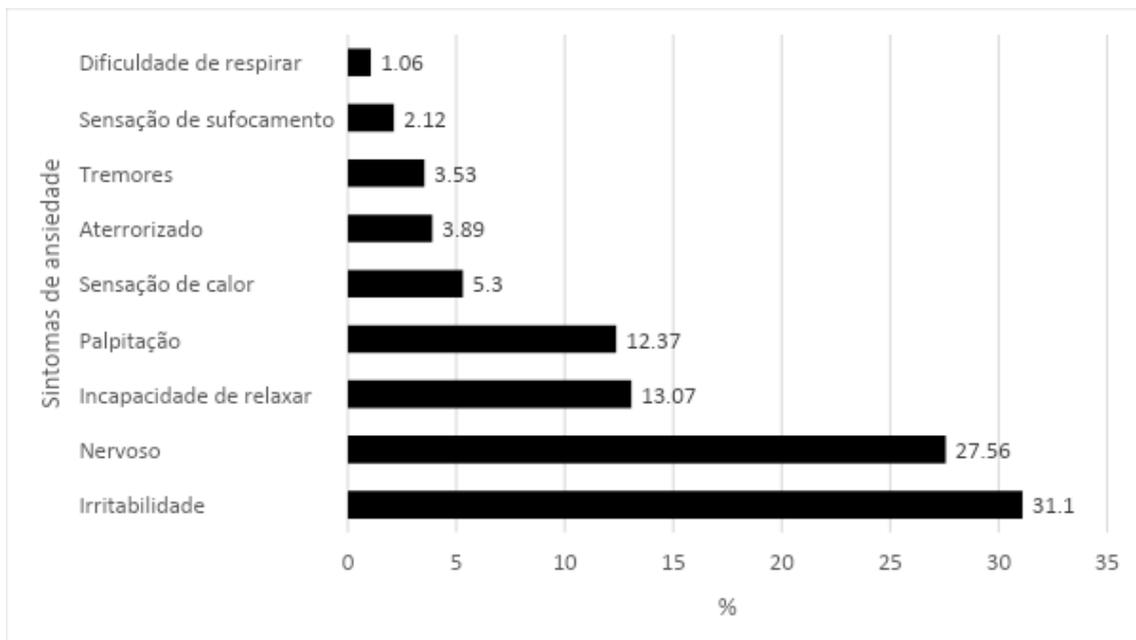
Fonte: Do autor, 2019.

Gráfico 2 – Descrição dos sintomas de ansiedades mencionados pelos avaliados na impossibilidade de usar as redes sociais. Tubarão, 2019.



Fonte: Do autor, 2019.

Gráfico 3 – Descrição dos sintomas de ansiedades mencionados pelos avaliados ao usar as redes sociais. Tubarão, 2019.



Fonte: Do autor, 2019.